

CLIMA EXTREMO

Forças Armadas desempenham papel estratégico ao dar apoio aos brigadistas que enfrentam as queimadas na segunda pior temporada de incêndios do bioma. Missão está prevista até o fim de outubro e mobiliza mais de 500 militares

No ataque ao fogo do Pantanal

» IAGO MACCORD*

O Brasil enfrenta um inimigo poderoso no Pantanal. Ele pode atacar a qualquer hora do dia e, rapidamente, se expandir por quilômetros, destruindo tudo o que está pela frente. Além de matar a fauna e devastar a flora, os incêndios chamam para o combate homens e mulheres de diversas corporações. Neste cenário de guerra, as Forças Armadas cumprem uma missão específica: apoiar as equipes que estão na linha de frente. Esta ação, muitas vezes, não tem a mesma visibilidade do que a batalha entre os agentes do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) ou do Corpo de Bombeiros contra o fogo. Mas para um homem poder enfrentar as chamas, há outros que trabalham para que ele esteja ali.

A participação das Forças Armadas no Pantanal está prevista na Portaria 3.179, assinada em 27 de junho pelo ministro da Defesa, José Múcio Monteiro. A chamada Operação Pantanal II

determina que Exército, Marinha e Aeronáutica prestem suporte logístico aos especialistas no combate aos incêndios. Em média, 530 homens das três Forças atuam diariamente no chamado Comando Conjunto.

Logística

Cabe aos militares auxiliar os especialistas em debelar as chamas. Eles ajudam os 868 profissionais civis engajados no enfrentamento, dos quais 419 são do Ibama e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Os militares também cooperam com outras agências envolvidas, como o Corpo de Bombeiros, a Polícia Federal e a Força Nacional.

As bases de apoio estão em oito localidades: Forte Coimbra, Porto Índio, Corumbá, Porto Murtinho, Coxim, Ladário (todas no Mato Grosso do Sul), Poconé e Porto Conceição (ambas no Mato Grosso) — todas instaladas em organizações militares. Desde o início da operação, as Forças Armadas disponibilizaram oito aeronaves, 46 embarcações e 142

Alerta a um país que respira fumaça

Miguel Schincariol/AFP



Movimentos sociais e entidades realizaram, ontem, na capital paulista, a Marcha por Justiça Climática, que teve como tema Esse calor não é normal. O protesto é uma das 13 mobilizações pelo país que iniciaram na sexta-feira, terminarão em outubro e que tem à frente nomes como o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), o Fórum Popular da Natureza, o Greenpeace Brasil, Coalizão pelo Clima SP e o Jovens pelo Clima. O ato concentrou-se no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), de onde os manifestantes saíram em passeata chamando a atenção para o fato de que os incêndios florestais têm contribuído para a emissão de gases de efeito estufa. Os movimentos sociais pedem a punição de quem está por trás dos incêndios provocados intencionalmente.

viaturas, que possibilitaram 426 missões de transporte, deslocando 3,8 mil agentes e 131,7 toneladas de equipamento de combate ao fogo. Pilotos da Operação Pantanal II lançaram 1,2 milhão de litros de água sobre incêndios e focos de fogo identificados.

Até o 15 de setembro, o Ministério do Meio Ambiente e

Mudança do Clima (MMAMC) registrou 119 incêndios no bioma, dos quais 85 foram extintos e 20 estão controlados. Segundo dados do Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Lasa/UFRJ), de 1º de janeiro a 15 deste mês mais de 12% do Pantanal foi consumido

pelas chamas. Ao todo, foram 1,9 milhão de hectares queimados, sendo 215,5 mil só nos primeiros nove dias de setembro.

Segundo dados do ministério, 619 animais silvestres haviam sido resgatados do Pantanal até 15 de setembro. O levantamento dos bichos que morreram em 2024 ainda não foi feito.

Em 2020, único ano à frente deste em registros de focos de fogo, estima-se que mais de 17 milhões de vertebrados foram vítimas das chamas. As Forças Armadas devem operar na região até 27 de outubro.

Estagiário sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza

CINCO PERGUNTAS/ General Luiz Fernando Baganha, comandante da Operação Pantanal II

A Operação Pantanal II começou no final de junho. Como estava a situação quando as Forças Armadas chegaram?

Neste ano, as condições para propagação de seca estão muito favoráveis. A gente diz que tem uma tríade, que envolve temperatura acima de 30°, umidade abaixo de 30% e ventos acima de 30km por hora. Essas três condições se fizeram presentes nesse período com uma intensidade muito grande. A situação se desenhava como mais crítica porque o período de estiagem começou dois meses mais cedo — em maio, início de junho, a gente começou a ter estiagem. Secou antes e, como consequência, há uma situação mais favorável a incêndios.

Como é feita a logística para uma situação com tamanha complexidade?

As três Forças têm aeronaves e helicópteros, fundamentais

para se chegar às áreas de atuação. As estradas ali são precárias ou inexistentes. Com o helicóptero, a gente consegue deslocar uma equipe de um ponto ao outro com uma grande rapidez. Outro eixo de apoio são as aeronaves que têm capacidade de espargimento de água. Quando não extinguem o fogo, conseguem fazer uma redução da temperatura no local, permitindo às equipes que estão em terra chegar mais próximo e combater com mais eficiência os focos.

Como é a preparação dos militares convocados para a operação? Seguem as orientações dos outros órgãos?

Não, pelo contrário. É preciso lembrar: o que estamos fazendo é prestar suporte logístico. É o dia a dia da nossa tropa. Para uma guerra, que é nossa missão principal, você tem que ter capacidade de levar meios, de alojar, de alimentar, de levar saúde

Arquivo pessoal



para socorrer as pessoas. São ações inerentes à nossa atividade fim, como Força Armada. E nossa tropa é perfeitamente qualificada. Não estamos agindo diretamente no combate ao fogo, a não ser no

caso das aeronaves que lançam a água.

Qual tem sido o maior desafio?

As condições meteorológicas. Operar um helicóptero numa condição de temperatura e

Para uma guerra, tem que ter capacidade de levar meios, de alojar, de alimentar, de levar saúde para as pessoas. São ações inerentes à nossa atividade fim. E nossa tropa é perfeitamente qualificada"

de visibilidade baixa requer um adestramento e uma capacitação muito grandes. Quando você opera a aeronave, tem de garantir um esforço aéreo muito grande, número de horas elevado. Isso exige uma manutenção e um

planejamento criterioso para que as aeronaves tenham disponibilidade de voo. É preciso, ainda, uma preparação e uma disponibilidade de tripulação. Você não pode sair voando 10, 12 horas, submeter a tripulação a um desgaste excessivo — o risco de um acidente é grande.

Cuidar do meio ambiente é papel do Exército?

É missão do Exército mostrar a nossa prontidão não só na defesa da Pátria, mas, também, nessas missões subsidiárias. O meio militar serve para operações de guerra e para ajudar a população nos momentos críticos, como foi lá no sul (Rio Grande do Sul), com nossas embarcações, nossas pontes, nossos hospitais. E agora, aqui, o suporte de levar comida, água, suprimento, condições de alojamento. Mostrar isso é importante para que a população continue confiando no Exército, na Força Aérea e na Marinha. (IMC)



ROBERTO BRANT

O PLANETA ESTÁ MUDANDO E VAI MUDAR AINDA MAIS, E MAIS DEPRESSA DO QUE ESTAMOS ACOSTUMADOS, O QUE PODE NOS DEIXAR NUM FUSO HISTÓRICO DIFERENTE DO RESTO DO MUNDO DESENVOLVIDO

Para além das eleições municipais

As eleições municipais estão se aproximando, mas a população ainda não se mostrou muito interessada porque, salvo algo inesperado, tudo continuará como sempre, qualquer que sejam os resultados. Não se pode dizer o mesmo da classe política, pois a eleição municipal determina a sorte das futuras eleições parlamentares, que determinam a sorte dos próximos governos.

Nosso sistema eleitoral é fortemente inclinado para a preservação das forças dominantes e muito pouco favorável às mudanças, principalmente pela exclusividade do financiamento público das campanhas. Os fundos eleitorais são calculados com base nas bancadas federais dos partidos e como o dinheiro é um fator decisivo nas eleições, os partidos dominantes têm possibilidades muito maiores de continuar dominantes.

O sistema político brasileiro está construído para se autopropaguar e, por isso, a composição das assembleias estaduais e da Câmara dos Deputados praticamente não se altera em termos políticos, mesmo diante de mudanças nos sentimentos da população. Nas eleições para presidente da República, graças ao seu caráter plebiscitário, os ventos de mudança costumam prevalecer, mas o poder dos presidentes acaba se diluindo diante do Parlamento e dos tribunais, neutralizando qualquer velocidade de reforma.

Mas o planeta está mudando e vai mudar ainda mais, e mais depressa do que estamos acostumados, o que pode nos deixar num fuso histórico diferente do resto do mundo desenvolvido ou mesmo em desenvolvimento.

A nova competição geopolítica que está rapidamente se desenhando é

diferente da que opunha os países ocidentais, sob a liderança dos Estados Unidos, à antiga União Soviética. Essa era exclusivamente política e militar. A de agora é predominantemente econômica e tecnológica, envolvendo todos os aspectos da vida. A corrida pela hegemonia tecnológica entre os EUA e a China vai atingir o livre comércio e a globalização, e ainda provocar um recuo na cooperação internacional.

Questões centrais

A política internacional das grandes potências terá uma ênfase maior nas questões econômicas e tecnológicas, misturando questões de Estado e interesses corporativos. O cenário externo, na política e na economia, será muito diferente daquele em que vivemos até agora. E tudo indica que

aqui, tanto o governo quanto o Parlamento continuarão a viver como se nada estivesse acontecendo.

Até a Europa, com todo o seu poder econômico e político, está se colocando em estado de alerta. Um relatório de Mario Draghi, ex-presidente do Banco Central Europeu, por encomenda da Comissão Europeia, expôs as fragilidades do continente diante das novas realidades da economia e da geopolítica. Propôs mudanças radicais nas áreas de defesa, comércio e políticas de apoio à inovação e à competitividade das empresas.

Essas mudanças visam propiciar à Europa autonomia na área de defesa e protagonismo nas novas tecnologias, apoiando o setor privado com menos regulação e mais investimento público. Seria uma reviravolta completa na vida europeia, visando a própria sobrevivência. Se esses planos se concretizam, é uma questão em aberto, mas, até agora, ninguém foi capaz de sugerir outro manual de sobrevivência.

Enquanto isso, no Brasil, governo e Parlamento não demonstram o menor conhecimento ou preocupação estratégica diante das mudanças tectônicas que estão em andamento e que influirão diretamente no modo como a economia e a vida vão funcionar. Para termos um futuro de relevância, mesmo sabendo das nossas limitações, temos que, pragmaticamente, mudar algumas das nossas concepções. O ponto básico é que teremos que admitir uma maior interdependência entre a prosperidade das empresas e o poder do Estado. Separados, nem o Estado nem o setor privado têm os meios para competir. A China usa todo o poder do Estado para promover suas empresas e conquistar mercados. Os EUA já estão despertando para fazer as mesmas coisas. Agora é a União Europeia que sonha em seguir o mesmo caminho.

E nós? Vamos continuar brincando de esquerda e direita ou vamos para o jogo dos adultos?